



## Mulheres jornalistas: uma reflexão sobre gênero na pandemia<sup>1</sup>

**Larissa Cantuária Lucena<sup>2</sup>**

Universidade Estadual Paulista - UNESP

**Mariela Costa Carvalho<sup>3</sup>**

Universidade Estadual Paulista - UNESP

**Anna Paola Scabello Araia<sup>4</sup>**

Universidade Estadual Paulista - UNESP

**Angela Maria Grossi<sup>5</sup>**

Universidade Estadual Paulista - UNESP

### Resumo

O artigo tem por objetivo analisar os efeitos da pandemia de Covid-19 nas rotinas produtivas de mulheres jornalistas. Para isso, toma-se como objeto empírico o relato de experiência de cinco jornalistas que atuam no mercado de comunicação no estado de São Paulo. A pesquisa exploratória utiliza os procedimentos metodológicos de levantamento bibliográfico e documental, além de entrevistas semiestruturadas que ocorreram no período de fevereiro a março de 2021 por meio das plataformas *Google Meet* e *WhatsApp* devido ao isolamento social. Entre os resultados, observou-se que a realização do sistema de *home office* ou híbrido, em virtude da pandemia, contribuiu com o aumento da jornada de trabalho, dificultou a definição de limites entre a vida profissional e privada, provocou medo com a possibilidade de perder o emprego e afetou negativamente a qualidade de vida das jornalistas.

**Palavras-chave:** Covid-19; Reestruturação das redações; *Home office*; Mulheres jornalistas; Gênero.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT5 - Comunicação cidadã: gênero, raça, diversidade e redes colaborativas no contexto da pandemia da XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2020-2021, de 22 a 24 de junho de 2021, na modalidade online – realizada ABPCOM – Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã e UNESP – Universidade Estadual Paulista / FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Departamento de Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda em Mídia e Tecnologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e bolsista da Capes. Mestra em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Amapá (Unifap). E-mail: larissa.cantuaria@unesp.br.

<sup>3</sup> Doutoranda em Mídia e Tecnologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e bolsista da FAPEMA. Mestra em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Graduada em Jornalismo pela UFMA. É jornalista da Assessoria de Comunicação do Instituto Federal do Maranhão (IFMA). E-mail: mariela.carvalho@unesp.br.

<sup>4</sup> Graduanda do curso de Jornalismo da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e bolsista PIBIC/Reitoria. E-mail: anna.araia@unesp.br

<sup>5</sup> Docente e coordenadora do curso de Jornalismo, atua nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação e de Mídia e Tecnologia, curso de Doutorado, da UNESP. Jornalista e doutora em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e pós-doutora em Comunicação pela Universidade de Sevilha-Espanha. E-mail: angela.grossi@unesp.br.

## 1 Introdução

O registro oficial do primeiro caso de Covid-19 no Brasil em fevereiro de 2020 provocou alterações profundas no país, que perpassam desde a adoção de novos cuidados com a higiene pessoal até a suspensão de aulas presenciais nas escolas. Essas mudanças impactaram, é claro, no mundo do trabalho. Muitas empresas e profissionais precisaram adaptar o seu modo de produção. É o caso dos jornalistas que, a depender da função que desenvolvem, passaram a trabalhar em sistema de *home office* ou híbrido (alguns dias da semana presencialmente na empresa e outros em casa).

A tecnologia teve papel fundamental neste novo contexto de trabalho. Plataformas de mensagens como *WhatsApp*, *Skype* e *Google Meet* tornaram-se ferramentas essenciais para realizar atividades que até então eram feitas presencialmente, como reuniões de pauta com a equipe e entrevistas com as fontes. Contudo, o deslocamento do ambiente de trabalho para o espaço privado sem o devido planejamento provocou efeitos que têm influenciado o cotidiano dos atores da redação: aumento da jornada de trabalho, dificuldade em delimitar a vida íntima e profissional, e insegurança em relação à permanência do vínculo empregatício.

Esses impactos foram ainda mais percebidos pelas jornalistas mulheres, tendo em vista que, em geral, elas são as principais responsáveis pela manutenção do funcionamento da estrutura doméstica como a compra do supermercado, a limpeza da casa e os cuidados com os filhos. Em virtude do isolamento social imposto pela pandemia, muitas famílias perderam sua rede de apoio (auxílio de familiares, faxineiras, creches, cuidadoras etc.) e as mulheres ficaram sobrecarregadas mentalmente e fisicamente, pois precisaram desempenhar suas funções profissionais em casa e, ao mesmo tempo, realizar os afazeres domésticos.

Foi com o objetivo de analisar esses efeitos da pandemia nas rotinas produtivas de mulheres jornalistas que se desenvolveu o presente artigo. Tomou-se como objeto empírico o relato de experiência de cinco jornalistas que atuam no mercado de comunicação no estado de São Paulo<sup>6</sup>. Por meio de uma pesquisa exploratória, os procedimentos metodológicos utilizados consistem no levantamento bibliográfico e documental e na realização de entrevistas semiestruturadas, que ocorreram no período de fevereiro a março de 2021 por meio do *WhatsApp* e do *Google Meet*. Iniciamos a reflexão abordando a reestruturação das redações jornalísticas a partir das mudanças tecnológicas do final do século XX, seguida pela discussão

---

<sup>6</sup> Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

sobre os reflexos da pandemia nesse ambiente de trabalho e, finalmente, as análises dos depoimentos das jornalistas entrevistadas.

## **2 Reestruturação das redações jornalísticas**

No final do século XX o jornalismo passou por profundas modificações no que diz respeito às rotinas produtivas impulsionadas, sobretudo, pelo desenvolvimento das tecnologias digitais. Entre os efeitos do uso dessas novas ferramentas nas redações jornalísticas está o acúmulo de funções pelos profissionais que, em geral, implica na maior quantidade de horas trabalhadas sem que isso represente um aumento salarial, demonstrando a precarização do trabalho dos jornalistas. Sobre essas condições produtivas, Antunes (2018, p. 30) afirma que “em vez do fim do trabalho na era digital, estamos vivenciando o crescimento exponencial do novo proletariado de serviços, uma variante global do que se pode denominar escravidão digital. Em pleno século XXI”.

Estimulada pelo fator tecnológico, a cultura de que um profissional pode desempenhar várias funções ao mesmo tempo resultou na reorganização de muitos grupos de mídias brasileiros que iniciaram esse processo extinguindo cargos (raros são os veículos que mantêm a função do revisor, por exemplo) até os casos daqueles que fizeram demissões em massa. Lelo (2019) aponta que a redução do quadro de funcionários influenciou na reestruturação dos regimes de contratação que, em algumas situações, passam a adotar contratos flexíveis como *freelancer*, trabalho temporário ou de Pessoa Jurídica (a chamada pejetização). Esses tipos de contratos, em geral, diminuem os custos da empresa se comparados às contratações com carteira assinada e muitos deles chegam a violar as leis trabalhistas no que tange, sobretudo, ao número de horas trabalhadas.

A precarização do campo de atuação dos jornalistas pode ser observada em cinco frentes principais: acúmulo de funções, excesso de horas trabalhadas, baixos salários, necessidade de ter um trabalho extra para complementar a renda e instabilidade no cargo. Sobre esse último ponto, Lelo (2019) realizou uma pesquisa com jornalistas que atuavam no estado de São Paulo entre 2015 e 2017 a qual demonstrou que 55% dos entrevistados disseram estar trabalhando na empresa atual entre um a três anos, 27% entre três e seis anos e apenas 18% estavam há mais de seis anos no mesmo emprego.

A pesquisa apontou, ainda, que o número de horas trabalhadas acima do previsto na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) para a categoria pode implicar em dificuldade para delimitar a vida profissional da privada. O hábito de ler e consumir notícias, por exemplo, é listado como tempo de lazer pela maior parte dos entrevistados.

Ou seja, acompanhar noticiários em diversos meios deixa de ser uma atividade exercida somente para mapear a agenda da mídia, auxiliando na definição das pautas que receberão cobertura do veículo em que trabalham, e passa a ser uma fonte de recreação no dia-a-dia dos comunicadores. Em contraste, práticas esportivas, jogos eletrônicos, teatro e cinema foram menos indicadas pelos entrevistados como lazer no decorrer da semana, e aos sábados e domingo a leitura e a TV só são equiparadas pela ida a restaurantes e bares (74%) e ao cinema (61%) (LELO, 2019, p. 79).

Essa mistura de espaços foi potencializada com o decreto da quarentena em vários estados do país em março de 2020 – mês em que a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a pandemia do novo coronavírus. A partir desse momento, a necessidade de manter o isolamento social fez com que várias empresas passassem a adotar o sistema de *home office* ou híbrido para os seus funcionários, fazendo com que o mundo do trabalho fosse deslocado para a esfera privada. Dentre os aspectos da mudança inesperada e brusca está o rebaixamento da vida íntima, visto que a casa se tornou uma extensão da redação. Em certa medida, essa nova dinâmica influencia no aumento da jornada de trabalho e, a depender de cada arranjo familiar, sobrecarrega significativamente a gestão da vida pessoal.

### **3 O trabalho dos jornalistas no contexto pandêmico**

É sabido que, em meio à disputa ideológica e política do governo federal para desacreditar as medidas adotadas pelas áreas da ciência e da saúde no combate ao novo coronavírus, o jornalismo no Brasil assumiu protagonismo ao divulgar as orientações das autoridades sanitárias, os impactos e danos causados pela doença e o luto dos familiares que perderam entes queridos (VARÃO; FERREIRA, 2020; LUCENA; GROSSI, 2020; NAVARRO, 2020). Neste momento, perpassando por uma crise econômica e estrutural, a atividade pretende recuperar sua credibilidade ao confrontar a disseminação de desinformações relacionadas à pandemia de Covid-19.

Para Varão e Ferreira (2020) e Navarro (2020), a crise sanitária e social mostrou a necessidade da ação governamental com uma abordagem apartidária, por isso destacou o

compromisso do jornalismo enquanto defensor do interesse público e principal responsável em manter uma sociedade democrática informada. Diante de tantas incertezas e restrições impostas pelo isolamento social, a estrutura midiática se reinventou por causa da urgência em “dialogar com a população sobre ciência e saúde, não apenas para esclarecê-la, mas para engajá-la como corresponsável pelas medidas de saúde pública adotadas” (CAETANO *et al.*, 2021, p. 236).

Cabe mencionar que a cobertura jornalística diária sobre a Covid-19 exigiu adaptações nas redações que operavam dentro de um espaço físico. As mutações que alteraram o cenário do jornalismo vistas no tópico anterior, principalmente relacionadas ao surgimento das tecnologias digitais, favoreceram a adoção do modelo de *home office* ou híbrido para reorganizar a divisão de tarefas por meio de instrumentos virtuais. No entanto, segundo Figaro *et al.* (2020), poucas empresas passaram a oferecer ferramentas adequadas para dar continuidade às funções durante a pandemia, mesmo com a intensificação do exercício profissional e do aumento da jornada de trabalho. A pesquisa dos autores mencionados analisou as condições de trabalho de 557 comunicadores, sendo a maioria do gênero feminino e jornalistas.

De acordo com Figaro *et al.* (2020), a atuação dos profissionais de comunicação enfrenta diferentes tipos de aflições – do contágio, do desemprego, do agravamento da crise sanitária e social, da morte e da perda da renda. Lucena e Grossi (2020) elencam cinco desafios que a cobertura jornalística vivencia durante a pandemia: **temporalidade** (desencontros que dificultam o relato cronológico sobre a duração da crise); **abrangência** (abordagens considerando as desigualdades e especificidades da população); **condições de produção** (modificação e fortalecimento de alguns elementos na atividade jornalística); **comunicação pública** (jornalismo tem mesclado suas funções com a comunicação pública e a comunicação de risco); e **desinformação** (crescente onda do ecossistema de desinformação que contrapõe os estudos científicos).

Contudo, pelo fato de o jornalismo ser considerado essencial para o enfrentamento da doença, o aumento da produtividade deixou profissionais expostos a riscos e tensões. As condições de trabalho apresentadas se intensificam quando direcionamos este debate para as mulheres jornalistas, já que a pandemia “reiterou as desigualdades estruturais do complexo intercruzamento de opressão envolvendo gênero, raça e classe” (WOITOWICZ; ROCHA, 2021, p. 173). Mesmo as mulheres representando a maioria no perfil do jornalista brasileiro (MICK; LIMA, 2013), elas ocupam em menor grau os cargos executivos, como direção e

edição, sendo mais sujeitas aos perigos do trabalho de campo e à maior demanda profissional (SOLON *et al.*, 2020).

Segundo um estudo realizado pela *International Federation of Journalists* (IFJ, 2020a), que reuniu 1.308 respostas, as mulheres jornalistas (63%) sofrem mais estresse e ansiedade por causa da crise em comparação com os homens (55%). Em outra pesquisa conduzida pela entidade, com 558 mulheres jornalistas, “mais da metade das entrevistadas reconheceu um aumento das desigualdades de gênero na indústria, com consequências devastadoras na conciliação entre trabalho e vida privada (62%), responsabilidades profissionais (46%) e salários (27%)” (IFJ, 2020b, s/p, *tradução nossa*)<sup>7</sup>.

Solon *et al.* (2020) entrevistaram oito mulheres jornalistas do Ceará, mostrando que as profissionais passaram a adotar majoritariamente os regimes de *home office* e rodízio redação-casa. Embora a amostra tenha sido centralizada em um estado brasileiro, aborda relevantes aspectos acerca do aumento da precarização do trabalho no contexto pandêmico. Além das mudanças no espaço domiciliar, com a aquisição de equipamentos provenientes de recursos próprios, as jornalistas tiveram que adaptar as suas rotinas produtivas, sendo necessário em alguns casos a terceirização do trabalho doméstico – muitas vezes para outra figura feminina devido à ausência de colaboração dos homens.

Diante disso, é válido apontar os resultados do levantamento organizado pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ, 2020) com 629 mães jornalistas. Embora 63,4% das entrevistadas compartilham os cuidados e responsabilidades sobre os filhos com o pai, 85,9% relataram o alto nível de sobrecarga em decorrência da pandemia. Isso demonstra um esgotamento dessas profissionais e “também ilustra o quanto a atividade de cuidado é quase que exclusiva das mulheres, ressaltando que entre as mães jornalistas que contam com rede de apoio, a maioria das pessoas com quem dividem os cuidados com relação aos filhos é do gênero feminino” (FENAJ, 2020, p. 11).

Em meio ao acúmulo de funções e a necessidade de ter que conciliar as responsabilidades do ambiente de trabalho para dar conta dos cuidados com os filhos e das tarefas domésticas, as mães jornalistas manifestaram que são cobradas a elevarem a produtividade por parte dos superiores hierárquicos, ocasionando em humilhações e práticas de assédio moral disfarçadas de “piadas” (FENAJ, 2020). Mesmo sem qualquer suporte e possível

---

<sup>7</sup> Tradução livre do original: “More than half of the respondents acknowledged an increase in gender inequalities in the industry, with devastating consequences on their conciliation of work and private life (62%), work responsibilities (46%) and salaries (27%)” (IFJ, 2020b, s/p).

prejuízo financeiro para o desenvolvimento do material noticioso, elas são submetidas às exigências que envolvem prazos, plantões, reuniões e participação em cursos.

São lógicas na rotina de produção que devem ser observadas, já que os modelos de *home office* e híbrido tendem a permanecer após a pandemia. Em virtude de a flexibilização trazer novos elementos para a precarização do trabalho, podendo chegar ao esgotamento psíquico e danos à existência do indivíduo, há necessidade de resguardar e respeitar o direito da efetiva e saudável proteção do profissional enquanto ser humano (MACIEL; LANDO, 2021). No caso das mulheres jornalistas, que muitas vezes são submetidas ao controle de empresas que ignoram as características e dificuldades particulares em função das cobranças por produtividade, o aumento da exploração do trabalho ocasiona em maiores desigualdades de gênero a longo prazo (SOLON *et al.*, 2020).

#### **4 Trabalho de mulheres jornalistas na pandemia**

Antes da crise sanitária e social gerada pela Covid-19, as desigualdades de gênero entre homens e mulheres no jornalismo já eram conhecidas: desigualdade salarial, maior dificuldade para ascender a cargos altos e sobrecarga em função da tripla jornada (FIGARO, 2018). Desde a década de 1980, com o aumento da prática do *home office*, trabalhar em casa tornou-se uma função vista como feminina, já que a mulher é associada aos cuidados do lar e da família, deixando de ser uma atividade majoritariamente masculina (SOLON *et al.*, 2020).

Segundo Solon *et al.* (2020), as mulheres são as principais afetadas no contexto de superexploração das novas organizações de trabalho, e isso ficou perceptível durante a pandemia. Com as redações em casa, a dinâmica do trabalho e dos integrantes das editorias passa por transformações. Alguns conflitos mais comuns, que poderiam decorrer da convivência presencial, deixam de ser centrais.

Portanto, considerando que as mudanças de trabalho estão atreladas à precarização segundo as transformações dos meios de produção geradas pelas tecnologias digitais e a internet (FIGARO *et al.*, 2020), esta pesquisa busca analisar sobre os efeitos da pandemia de Covid-19 nas rotinas produtivas de mulheres jornalistas, tendo como base os relatos de cinco profissionais do estado de São Paulo que foram coletados entre os meses de fevereiro e março de 2021. Seleccionamos as participantes de maneira que indicassem a diversidade de experiências profissionais, sendo duas *freelancers*, duas em cargos de chefia e uma ex-apresentadora de TV.

Para preservar a identidade das entrevistadas, elas serão representadas por letras J, K, U, V, e W. A seguir, mostraremos as observações das entrevistas semiestruturadas, que ocorreram por meio das plataformas *Google Meet* e *WhatsApp* devido à impossibilidade do contato pessoal em razão da pandemia.

#### 4.1 *Freelancers*

Os jornalistas *freelancers* lidam com um mercado competitivo e pouco valorizado. É comum ocorrer atrasos nos pagamentos dos trabalhos prestados, sem contar que o tempo gasto na pré-produção não significa a imediata aprovação da pauta. Por causa da pandemia de Covid-19, a instabilidade financeira e a precarização enfrentadas por esses profissionais sem vínculo empregatício se agravaram no contexto da América Latina (LUBIANCO, 2020).

As informações mencionadas foram confirmadas pelas duas jornalistas *freelancers* entrevistadas. A palavra “sobrecarga” esteve presente na descrição de ambas. **U.** tem 39 anos e trabalha para um veículo impresso e digital na capital. **K.** tem 41 anos, dois filhos pequenos<sup>8</sup> e é casada. Durante a pandemia, ela trabalhou como *ghost writer*<sup>9</sup> escrevendo e-books e um livro impresso no interior de São Paulo.

**U.** lembra que as consequências geradas pelo isolamento social sobrecarregam principalmente as mulheres na forma de administrar a vida privada e profissional. “Até comparando com homens que moram sozinhos, que teoricamente teriam mais funções também, parece que não é a mesma coisa, sabe? Ou porque não dão o mesmo valor a isso, ou porque tem mãe (risos) que ajuda mais, ou eles acabam indo morar com os pais para ‘facilitar a vida’”. Vale destacar que há casos em que a responsabilidade é repassada para a esposa e/ou trabalhadora remunerada (SOLON *et al.*, 2020).

Segundo **U.**, passar mais tempo em casa resulta em mais afazeres domésticos, desde a preocupação diária com o almoço até o controle no consumo de energia elétrica. Ela complementa que ainda aumentou as idas ao mercado para comprar alimentos e produtos de limpeza e higiene pessoal. “São detalhes que vão compondo as responsabilidades e o dia a dia com a casa. Até o fato de ter que higienizar tudo quando a gente compra<sup>10</sup>, que não se fazia antes”.

---

<sup>8</sup> No início da pandemia, **K.** tinha um filho com 8 meses e outro com 3 anos.

<sup>9</sup> Em tradução literal, significa “escritor fantasma”. Isto é, um profissional que escreve materiais de diferentes temas e gêneros, mas não recebe créditos de autoria pelo conteúdo que desenvolveu.

<sup>10</sup> Embora estudos recentes apontem a baixa probabilidade de transmissão via superfície contaminada, ainda é necessário manter os cuidados ao trazer as compras para casa, com a higienização das mãos antes e depois de



**K.** deixou de ser colaboradora em uma empresa de comunicação em fevereiro de 2020 (um mês antes de a OMS ter caracterizado a pandemia do novo coronavírus). Ela diz que, apesar do apoio do esposo, se sentiu sobrecarregada e estressada pelo desemprego, insegurança e cansaço oriundo dos cuidados com a casa e seus dois filhos pequenos.

Embora reservasse parte da manhã para as crianças antes da pandemia, houve desgaste físico e emocional ao ter que desempenhar o papel de mãe de forma integral e sem perspectiva de quando poderia usufruir momentos de lazer. A jornalista ainda se sentiu pressionada enquanto obrigava que o filho mais velho, com então 3 anos, acompanhasse o ensino remoto proposto pela escola. Além disso, uma vez por mês, ficava sozinha com os pequenos por alguns dias, já que o seu esposo precisava ir pessoalmente até a empresa em que trabalha, localizada no sul de Minas Gerais.

A rotina de **K.** se tornou mais desgastante quando precisou escrever o livro. Mesmo que estivesse acostumada ao *home office*, foi necessário contratar duas babás durante a finalização do processo para cuidar das crianças. Autoras em discussões anteriores à pandemia, a exemplo de Leite (2017) e Figaro (2018), discorrem que as mulheres jornalistas vivenciam muito mais a dupla ou tripla jornada de trabalho em comparação com seus colegas homens. Mas a realidade atual deixou-as mais sobrecarregadas, pois “a situação retrocede no tempo, visto que as tarefas do lar, os filhos e outros elementos da gestão doméstica acumulam-se com o trabalho remoto” (FIGARO *et al.*, 2020, p. 74).

Em relação às responsabilidades domésticas, **K.** destaca que seu esposo é “superparceiro, mas nunca colocou a roupa para lavar, não passa a vassoura na casa”. Complementa a jornalista: “Eu não sou uma mulher muito do formato tradicional. Eu não me apego muito a essas coisas, não gosto e não faço (*risos*). Então, por exemplo, a casa está bagunçada? Está. Eu empurro para lá e para cá para parecer mais organizada e pronto”.

Na divisão da gestão do lar, o seu companheiro fica responsável em cozinhar e, geralmente, vai ao supermercado. Nesses momentos, contudo, **K.** necessita entreter sozinha as crianças. Ela ainda comenta que “tem a carga mental de pensar se tem carne para fazer o almoço, de ter que sair para comprar verduras”. Isso reforça que, mesmo quando os afazeres domésticos são compartilhados com outra pessoa, o trabalho mental que envolve planejamentos e decisões quase sempre recai para as mães jornalistas (FENAJ, 2020).

## 4.2 Cargos de chefia

Geralmente, as mulheres passam pelo esforço de provar ao coletivo que possuem condições e qualificações necessárias para o desempenho de importantes atividades profissionais, sendo submetidas às situações em que elas ganham menos do que os homens no exercício da mesma função (FIGARO *et al.*, 2020). Isso não é exceção para a classe jornalística e está “em consonância com o fenômeno de pouca incidência de mulheres jornalistas em altos cargos” (SOLON *et al.*, 2020, p. 14).

De acordo com a pesquisa feita pela Artigo 19 (2016), as mulheres entrevistadas que ocupavam cargos de chefia no jornalismo representavam 46,1% do total. Ou seja, apesar de a maioria dos profissionais da área ser do sexo feminino, elas são minoria em cargos de destaque.

Duas jornalistas em cargos de chefia, do mesmo veículo de comunicação da capital paulista, relataram os principais problemas enfrentados em meio à pandemia. Ambas não são casadas nem têm filhos. **J.** tem 41 anos; a sua editoria possui uma proposta de “jornalismo na rua”, com os repórteres saindo para realizar entrevistas. As reportagens possuem cunho social e político. **W.** tem 42 anos e é chefe da editoria de cultura, que é usualmente conhecida por ser composta de uma maioria de jornalistas mulheres.

Tanto **J.** quanto **W.** sentem que a comunicação entre os membros da editoria está pior pelos aplicativos de mensagens instantâneas, como o *WhatsApp*. Para **J.**, “a comunicação na redação é muito melhor, ela não tem o filtro da rede. Quanto mais virtual fica essa comunicação, mais arestas você tem para aparar depois. Então, hoje, nós [integrantes da editoria] só falamos por *WhatsApp* e por reunião”.

No caso de **W.**, os repórteres optaram por usar o *Slack*, uma plataforma geralmente utilizada para grupos de trabalho, porque “[o *WhatsApp*] é uma coisa que se mistura um pouco com a vida pessoal de todo mundo”. Além disso, a equipe da editoria tem tentado respeitar os horários comerciais de trabalho.

De acordo com Figaro *et al.* (2020), a comunicação via aplicativos de mensagens instantâneas possui ligação direta com a maior produtividade dos profissionais, já que estes estão constantemente a postos para a chegada de novas notificações. “Ampliam-se também as horas à disposição do mundo do trabalho, pois o *home office* é um estar em casa disponível para o trabalho todo o tempo, graças à ubiquidade das redes sociais e seus aplicativos” (FIGARO *et al.*, 2020, p. 56).

O momento atual agrava as preocupações dos jornalistas, por conta de “demissões, contratos precários, rebaixamento salarial, densificação do trabalho, todo tipo de estresse, além do quadro de incertezas sobre o futuro” (FIGARO *et al.*, 2020, p. 10). Apesar do esforço contínuo para manter uma boa relação com todos os colegas, devido ao cargo de chefia, **J.** admite que o estresse interfere: “Tento me controlar [nesses desentendimentos]. Acho que estamos vivendo tempos tensos para todo mundo”.

Outro ponto citado nas entrevistas foi a dificuldade de se desconectar do trabalho. Quando tirou férias no final de 2020, **W.** demorou aproximadamente dez dias para se desligar das funções do cargo. Desenvolver atividades domésticas e empregatícias no mesmo ambiente é prejudicial para as profissionais, já que elas não conseguem delimitar os horários destinados aos compromissos da empresa e acabam dividindo o tempo livre com o surgimento de outras tarefas (SOLON *et al.*, 2020).

Para **W.**, a mudança de espaços é essencial para separar trabalho e descanso, algo impossibilitado pelo esquema de *home office*: “A redação ficou lá, as pessoas ficaram lá, os problemas ficaram lá”. **W.** relata que a sua relação com a casa mudou. Antes, ela se sentia no “momento de lazer, de leitura, de me concentrar em outras coisas. Agora, não mais. O trabalho está aqui o dia todo, o tempo todo. Esse é, para mim, o maior desgaste”.

Logo, as mulheres em cargo de chefia, neste contexto da pandemia, enfrentam longas jornadas – tanto **J.** quanto **W.** tinham jornadas que, não raramente, ultrapassavam o horário comercial –, desafios para manter uma relação boa com os repórteres e dentro da editoria de forma geral. Suas casas, anteriormente compreendidas como um local de repouso, lazer e descanso, não oferecem mais os mesmos confortos de outrora.

#### 4.3 Ex-apresentadora de TV

**V.** é a quinta entrevistada para este estudo. Ela tem 31 anos, não é casada e não tem filhos. A jornalista atuava como apresentadora de TV até julho de 2020, quando se desligou de uma empresa localizada no interior de São Paulo. **V.** relata que pôde observar e vivenciar as mudanças que ocorreram na emissora assim que começou a pandemia no país. “Falando de estrutura da empresa, mudou tudo. O cuidado era muito grande. Até hoje, vejo publicações dos meus colegas mostrando o uso do álcool gel, da máscara. Foi preciso adaptar todos os ambientes”.

Além dos cuidados preventivos para evitar a contaminação pelo vírus no ambiente de trabalho, a profissional pontua que houve uma mudança significativa na forma do fazer jornalístico. Segundo ela, o trabalho na TV precisou ser adaptado para minimizar a exposição dos repórteres e também dos entrevistados. Isso ficou evidente a partir do momento em que o uso de videochamada – por plataformas como o *Skype* para fazer reportagens – tornou-se frequente. Antes da pandemia, o recurso era usado em casos muito específicos nos quais, por exemplo, envolviam pessoas que moravam fora do país ou fontes muito importantes que não teriam disponibilidade para uma gravação presencial.

É possível observar que neste contexto do trabalho na TV, o uso da tecnologia digital aparece, em um primeiro momento, como solução para ajudar a manter o isolamento social. Entretanto, ele não representa uma redução da sobrecarga de trabalho. Figaro *et al.* (2020) apontam que esse é:

Um cenário perfeito para experimentar procedimentos que vinham sendo gestados de forma ponderada e que foram acelerados de forma desorganizada, sem o planejamento e a infraestrutura necessária para o trabalhador ser respeitado em seus direitos e condições de saúde física e mental (FIGARO *et al.*, 2020, p. 75).

O ritmo acelerado de produção é confirmado pela experiência de V., que destacou que o nível de produção na TV já era intenso antes da pandemia. “É tudo para ontem, é tudo para o dia. Então, é sempre aquela correria doida. Aumentou se falarmos em relação ao coronavírus, porque eu peguei bem o começo [da pandemia]. Era ‘coronavírus, coronavírus, coronavírus’ o tempo inteiro”.

Neste sentido, é possível observar que o cenário pandêmico trouxe novos desafios para o ambiente de trabalho jornalístico que incluem, entre outros aspectos, uma quantidade de demanda que ultrapassa os limites temporais e geográficos que faziam parte da rotina profissional antes de março de 2020.

## **5 Considerações finais**

A pandemia de Covid-19 intensificou as mudanças que iniciaram no final do século XX, impulsionadas pelo desenvolvimento das tecnologias digitais. Com as limitações emergidas em função do isolamento social, empresas jornalísticas passaram a adotar o modelo de *home office* ou híbrido na reestruturação das rotinas produtivas por meio de instrumentos virtuais, embora

a maioria não tenha oportunizado condições adequadas para os seus profissionais. Isso demonstra que, em função da produtividade, a cobertura midiática durante a pandemia evidencia riscos e tensões.

As mulheres jornalistas, que são as principais afetadas na superexploração das novas organizações de trabalho, passaram a ser submetidas ao controle de empresas que ignoram as características e dificuldades particulares dessas profissionais. Portanto, este trabalho objetivou analisar os efeitos da pandemia de Covid-19 nas rotinas produtivas de mulheres jornalistas com base no relato de experiência de cinco profissionais que atuam no estado de São Paulo. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa exploratória com os procedimentos de levantamento bibliográfico e documental. Também realizamos entrevistas semiestruturadas, nos meses de fevereiro e março de 2021, por meio das plataformas *Google Meet* e *WhatsApp*.

A amostra de pesquisa abrangeu duas *freelancers*, duas em cargos de chefia e uma ex-apresentadora de TV. Acerca das participantes, vale destacar que as *freelancers* notaram maior sobrecarga em conciliar a rotina profissional com os cuidados da casa; a única entrevistada que é mãe ainda acumula a tripla jornada de trabalho. As duas jornalistas que atuam em cargos de chefia citaram que a comunicação entre os membros da editoria piorou por causa dos aplicativos de mensagens instantâneas; também demonstram a dificuldade de se desconectar do trabalho devido ao mesmo ambiente servir para o desenvolvimento das atividades domésticas e empregatícias. A entrevistada que é ex-apresentadora de TV vivenciou as primeiras medidas que ocorreram na emissora para evitar a propagação do vírus, mudando significativamente o fazer jornalístico com, por exemplo, o uso de videochamadas durante a produção de reportagens.

De maneira geral, o artigo mostrou que a pandemia trouxe novos elementos para a precarização da rotina produtiva, como o aumento da jornada de trabalho e dificuldade na delimitação de limites entre a vida profissional e privada. Isso provocou medo em relação à possibilidade de perder o emprego e afetou negativamente a qualidade de vida das jornalistas. A adoção de espaços virtuais pode permanecer no contexto pós-pandêmico, sendo necessário observar o aumento das desigualdades de gênero que surgem a longo prazo.

## Referências

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ARTIGO 19. **Gênero e mídia**: um olhar de gênero para o ambiente de mídia brasileiro. Aplicação dos indicadores de equidade de gênero para mídia da Unesco, 2016.

CAETANO, Karina *et al.* Desafios para o trabalho da disseminação científica em saúde pública em contexto de disseminação do coronavírus. **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, jan./mar. 2021.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Mães jornalistas e o contexto da pandemia**, 2020. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/08/PESQUISA-MULHERES-JORNALISTAS-NA-PANDEMIA-WEB.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021.

FIGARO, Roseli. O mundo do trabalho das jornalistas: feminismo e discriminação profissional. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 14, n. 2, 2018.

FIGARO, Roseli *et al.* Como trabalham os comunicadores na pandemia da Covid-19? **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**, Campinas, v. 3, 2020.

INTERNATIONAL FEDERATION OF JOURNALISTS. **Women journalists are suffering greater stress due to COVID-19, IFJ study says**, 2020a. Disponível em: <https://www.ifj.org/media-centre/news/detail/category/press-releases/article/women-journalists-are-suffering-greater-stress-due-to-covid-19-ifj-study-says.html>. Acesso em: 26 abr. 2021.

INTERNATIONAL FEDERATION OF JOURNALISTS. **COVID-19 has increased gender inequalities in the media, IFJ survey finds**, 2020b. Disponível em: <https://www.ifj.org/media-centre/news/detail/category/press-releases/article/covid-19-has-increased-gender-inequalities-in-the-media-ifj-survey-finds.html>. Acesso em: 26 abr. 2021.

JORNALISTA J. **Mulheres jornalistas no contexto da pandemia**. São Paulo, 9 de mar. 2021. Entrevista cedida a Anna Paola Scabello Araia.

JORNALISTA K. **Mulheres jornalistas no contexto da pandemia**. São Paulo, 17 de mar. 2021. Entrevista cedida a Anna Paola Scabello Araia.

JORNALISTA U. **Mulheres jornalistas no contexto da pandemia**. São Paulo, 23 de fev. 2021. Entrevista cedida a Anna Paola Scabello Araia.

JORNALISTA V. **Mulheres jornalistas no contexto da pandemia**. São Paulo, 8 de mar. 2021. Entrevista cedida a Anna Paola Scabello Araia.

JORNALISTA W. **Mulheres jornalistas no contexto da pandemia**. São Paulo, 25 de mar. 2021. Entrevista cedida a Anna Paola Scabello Araia.

LEITE, Aline Tereza Borghi. Editoras, repórteres, assessoras e *freelancers*: diferenças entre as mulheres no jornalismo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 47, n. 163, jan./mar. 2017.

LELO, Thales Vilela. **Reestruturações produtivas no mundo do trabalho dos jornalistas: precariedade, tecnologia e manifestações da identidade profissional**. Tese (Doutorado em

Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

LUBIANCO, Júlio. Jornalistas freelancers na América Latina: quanto e como cobrar pelo seu trabalho. **LatAm Journalism Review**, 7 ago. 2020. Disponível em: <https://latamjournalismreview.org/pt-br/articles/jornalistas-freelancers-na-america-latina-como-fazer-para-precificar-e-cobrar-pelo-seu-trabalho/>. Acesso em: 18 maio 2021.

LUCENA, Larissa Cantuária; GROSSI, Angela Maria. Os reflexos da Covid-19 na cobertura jornalística. In: CARVALHO, Juliano Maurício de; GROSSI, Angela Maria; PESSOTTO, Ana Heloíza Vita (Orgs.). **Mídia, cultura inovativa e economia criativa em tempos pandêmicos**. Bauru: Gradus Editora, 2020.

MACIEL, Álvaro dos Santos; LANDO, Giorge André. Desafios e perspectivas do mundo do trabalho pós-pandemia no Brasil: uma análise da flexibilização trabalhista e os paradoxos do home office/anywhere office. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 20, abr. 2021.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

NAVARRO, Aidil Soares. Reflexões sobre o efeito da pandemia do Coronavírus no Jornalismo, na Democracia e no comportamento das pessoas na sociedade contemporânea. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 12, dez. 2020.

SOLON, Marina *et al.* O trabalho de mulheres jornalistas durante a pandemia da Covid-19: um estudo de caso dos reordenamentos produtivos no Ceará. **Inter-Legere**, Natal, v. 3, n. 28, maio/ago. 2020.

VARÃO, Rafiza; FERREIRA, Fernanda Vasques. Jornalismo como instância de confiabilidade de informações durante a pandemia da Covid-19. In: OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves de; GADINI, Sérgio (Orgs.). **Jornalismo em tempos da pandemia do novo coronavírus**. Aveiro: Ria Editorial, 2020.

WOITOWICZ, Karina Janz; ROCHA, Paula Melani. Gênero, raça e classe: múltiplos impactos na vida das mulheres jornalistas durante a pandemia. In: VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil; SILVA, Joseli Maria; WOITOWICZ, Karina Janz (Orgs.). **Vivências de mulheres no tempo e espaço da pandemia de Covid-19**: perspectivas transnacionais. Curitiba: CRV, 2021.